

ANEXO

Homilia pronunciada por Pe Ângelo Cremonti, por ocasião da comemoração dos 25 anos de devoção a N. Sra. das Graças, no dia 25 de novembro de 1972.

Meus queridos irmãos, meus queridos devotos de Nossa Senhora, que há 25 anos estais trilhando esse caminho da vossa casa, para este trono de Nossa Senhora. Meus queridos doentes, tanto em vossas casas com nos hospitais, tanto os doentes físicos como os doentes espirituais.

Estamos todos hoje com um palavra que não sai do coração: muito obrigado Nossa Senhora das Graças; muito obrigado, pois a 25 anos nós te invocamos como Senhora das Graças, como padroeira desta paróquia.

É assim que nasceu a devoção a Nossa Senhora: 25 anos atrás eu cheguei aqui, recém chegado da Itália. Mons. Ricci me levou a visitar esta capela de S. João Batista. E depois de ter olhado o que estava nesta capela, ali na praça, me falou: “Padre, tudo azul?”, que dizer, “o Sr. Aceita esta paróquia?”

Eu só apreendi a palavra “tudo azul”. Mas sabendo da tarefa pesada que ia assumir eu não disse ‘sim, mas eu disse simplesmente: “Mons. Ricci, eu preciso em colocar debaixo do manto azul para que tudo seja azul”; e assim que nasceu a devoção a Nossa Senhora das Graças. Colocando-me e colocando todos os paroquianos de S. João Batista debaixo da proteção dela. E assim nasceu a devoção de N. Sra. das Graças nesta paróquia.

E aconteceu aquilo que aconteceu, que todos nós estamos acompanhando a 25 anos. A primeira conversão foi a minha. Porque eu não queria ficar de jeito nenhum aqui nesta paróquia. A primeira conversão foi essa.

Depois que me coloquei debaixo do seu manto azul, ela me converteu para eu aceitar essa paróquia. Eu não queria aceitar de jeito nenhum.

Até cheguei a dizer: “Valeu a pena passar tanta água do oceano para chegar aqui e pegar uma paróquia deste jeito: tudo para fazer?”. Entretanto, eu sentia necessidade que aqui era um lugar que precisava de um sacerdote.

Mas os senhores sabem muito bem, a gente é muito humano, é sensível; experimenta esses contrastes, estes choques. Somente ela pôde mudar a minha mentalidade e as poucos ia transformando.

Aconteceu aquilo que aconteceu quando ela foi visitar a sua prima Sta. Isabel. O que aconteceu naquela casa de Zacarias e Isabel? Aconteceu que Isabel ficou toda espantada, admirada: “como é que a mão do meu Senhor venha visitar a minha casa?”; e o filho que estava no seio desta Isabel, João Batista, tornou-se santo, santificou-se.

E assim aconteceu aqui. Desde que ela chegou aqui nesta paróquia houve uma santificação, houve uma transformação não simplesmente de uma família, mas de todas famílias da paróquia de S. João Batista.

E S. João Batista, como foi santificado por ela, não sofreu inveja nenhuma, até deu graças a Deus que a sua bem feitora estivesse perto dele, para ajudar a proteger esta paróquia de S. João Batista, bem feliz que ao nome dele se juntasse também santuário de N. Sra. das Graças.

Eis assim a história de como é que nasceu a devoção de N. Senhora. Todos nós temos acompanhado esta maravilhosa transformação desta paróquia.

Vieram os padres, dos quais dois já falecidos. Todos lembram do Pe Júlio e do Pe Félix. Vieram mais outros padres, todos fervorosos, e aqui estamos deste 1947. Esta paróquia não sofreu mais a falta de sacerdotes. Pelo menos este problema foi resolvido; de ter sempre sacerdotes para cuidar de suas almas. E aqui estamos no meio de uma família do povo de Deus.

Nasceu essa paróquia sob o bafejo de N. Sra., sob sua proteção e de S. João Batista; desenvolveu-se, pois não estava tão grande assim. E agora é que é uma paróquia feita adulta, uma ‘senhora paróquia’.

Tanto é verdade que cresceu que precisou de um novo templo. Daquela “igrejinha” tem só uma parede ali. E logo mais vai desaparecer para dar lugar a uma grande igreja, que possa abrigar toda a grande família paroquial de S. João Batista, assim santificada pela proteção de N. Sra. das Graças.

Esta é a história simples do início da devoção de N. Sra. das Graças.

Meus amigos, ela está aqui num trono. Nós não podemos pensar N. Sra. só como uma flor. Desde aquele início houve sempre gente que trouxe flores. Sempre quisemos transformar o seu trono em um jardim, e hoje é assim, também depois de tantos anos.

Meus amigos, ela está num trono. Nós queremos venera-la num trono, mas ela está aqui no meio de nós. A sua proteção é estar no meio da gente. Está aqui no meio de nós como um exemplo de cristã. A sua missão a cumprir é esta; desde que ela recebeu Jesus ela andou. Saiu da sua casa, em Nazaré, e não sei se voltou. Mas ela só saiu para fazer o bem, só saiu para levar Jesus e chegou até aqui, nesta paróquia da Ponte São João. Desde que ela está aqui no meio de nós, a sua presença é uma presença atuante, é uma presença daquela que acredita em N. Sr. Jesus Cristo.

Ela nos aponta Jesus; ela nos indica Jesus. Mas não somente dizendo: “Eis aqui o Filho de Deus; o Filho de Deus que tornou-se também o meu filho, que eu coloco no meio de vós, que precisa ouvi-lo, que precisa acreditar nele, que precisa ter esperança nele, que precisa amá-lo”. Não somente ela nos apresenta o Cristo desta forma, mas ela está no meio de nós e diz: “Olha que é preciso acreditar neste meu Filho”. E ela acreditou. É preciso esperar nele, e ela esperou. É preciso amá-lo, ela amou.

E quer que também nós sejamos gente de fé, gente de esperança, gente de amor.

Meus queridos amigos, lembro neste momento e vou ler as palavras do salmo:

“Vejam que beleza aquela vez em que Deus mudou o nosso destino, tudo nos pareceu um sonho. Nosso rosto brilhou de alegria, nossa boca se encheu de riso. Chegou-se mesmo a dizer entre os outros povos: ‘Deus realizou maravilhas com eles’. De fato o Senhor fez grande coisa conosco; nossa alegria foi imensa”.

Tudo isso prende-se, meus irmãos, ao fato da presença atuante de N. Sra. das Graças no meio de nós. E quantas lágrimas foram enxugadas; quanta gente converteu-se, meus irmãos.

E quando cheguei aqui, ninguém queria saber do padre. Quantos xingos, quantas calúnias. O padre era xingado, era ofendido publicamente. Entretanto, aos poucos, Deus operou maravilhas, operou a conversão das mentalidades.

É preciso confiança, é preciso fé, é preciso ter a coragem de esperar. Esperar naquilo que N. Senhor nos falou, naquilo que N. Senhor nos prometeu. É preciso sobretudo amar; amar aqueles que erram, amar os pecadores. E quanta gente converteu-

se aqui. Quanta gente também levou para sua casa a saúde, a santificação de sua alma, levou para a sua casa a paz.

Aqui foram consagradas tantas crianças. Aqui vieram os doentes para se confortar e se fortalecer na fé. E aqui também sentiram todo o afeto e todo o carinho os moribundos que nos deixaram com a benção e a proteção de N. Sra das Graças e hoje estão lá no céu.

Nós estamos aqui num grande empreendimento para dar à comunidade uma nova matriz. Entretanto, depois de 25 anos, nós sentimos uma grande alegria com a maneira de como se expandiu a comunidade paroquial. Outros tantos centros foram construídos e estão dando frutos que é uma maravilha. Lá se sente uma comunidade que está crescendo. Aqui o centro mudou-se completamente.

Meus amigos, mas nós estamos sentindo um vazio tremendo. Um vazio que nos leva à tentação do desespero. O que é? É a falta de sacerdotes. Acabo de dizer que esta paróquia, desde 1947, não foi mais pedir esmolas a sacerdotes, para que viessem aqui para celebrar ao menos uma missa. Sempre tiveram a assistência de sacerdotes.

Mas agora esta falta de sacerdotes se vai cada vez mais aumentando, e portanto, é preciso um grande sacrifício de nossa parte. Confiar, esperar, trabalhar pelas vocações. Não é possível que em um imenso país como o nosso, que se preza de ser católico, não haja sacerdotes pelo seu povo, pelo povo de Deus.

Portanto, meus amigos, vamos a N. Sra. ofertar o nosso muito obrigado. O ramallete de ação de graças. Mas vamos lhe pedir também: "Sra. das Graças, enviai-nos sacerdotes. Despertai nas nossas famílias vocações sacerdotais. Nós precisamos de sacerdotes. Haverá muitas igrejas construídas, centros comunitários que funcionam às mil maravilhas, mas faltará a alma desta igreja, a alma desses centros comunitários, a alma que é um sacerdote que batiza, que dá assistência, que nos educa, que nos perdoa; um sacerdote que nos eleva, que nos aponta o caminho de Deus, que nos incentiva à devoção à N. Sra.; um sacerdote que nos prepara para um encontro com Cristo, pra vivermos e fazer das nossas famílias autênticos lares cristãos.

Missão sublime, meus irmãos, mas é preciso que nós invoquemos esta prece que o Senhor nos mandou rezar: "Rezai ao povo da messe para que mande operários".

Eis aqui, meus irmãos, o propósito de vida cristã que vamos depositar juntamente com nossos sentimentos de ação de graças a N. Sra. para que continue a abençoar esta

paróquia, esta cidade, os nossos bairros, os nossos pobres, os nossos doentes, e que continue a abençoar as nossas crianças, os nossos lares, as nossas famílias. Mas que a sua benção seja um despertar, um ressurgir, um florescer de vocações sacerdotais. Assim Seja!

Pe Ângelo Cremonti, OMV